

## O RIZOMA DELEUZE-GUATTARIANO NOS ESTUDOS CULTURAIS: UM ENSAIO SOBRE A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO<sup>1</sup>

Antonio de Oliveira P. Junior<sup>2</sup>

*Resumo:* A pesquisa bibliográfica a ser desenvolvida neste ensaio se propõe a analisar de forma ensaística o rizoma deleuze-guattariano de Gilles Deleuze e Félix Guattari tomando como elemento fundamentador a obra intitulada “Introdução: Rizoma” de 1995; também são pertinentes os estudos de Gaston Bachelard sobre “A formação do espírito científico” de 1938, 1996. Os autores e suas obras a serem analisadas possuem como ponto de interseção a análise do conhecimento adquirido e como novos conhecimentos tendem a romper os obstáculos científico-epistêmicos. As noções de rizoma sugerem que os diversos pensamentos se enraízem por todas as direções, criando caminhos múltiplos que traspassem barreiras impostas pelos mecanismos do contra-pensamento (crítico). A formação deste pensamento científico é o ponto chave para as práticas docentes e discentes de modo a tornar possível condutas que desprezem a aceitação imediata de certos conhecimentos disseminados por eventuais mecanismos alienantes, como sugere Bachelard. No âmbito dissertativo, isto é, como produto final do curso de Pós-Graduação, os documentos analisados serão implementados à pesquisa sugerindo o teor de contracultura para a mesma.

*Palavras-Chave:* Rizoma. Gilles Deleuze. Félix Guattari. Gaston Bachelard. Crítica Cultural.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pós-modernidade é um vasto campo para produções, seja no íterim de uma ciência específica ou campo do saber, lutas e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como produto da disciplina Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural, sob a responsabilidade do professor Dr. Osmar Moreira.

<sup>2</sup> Mestrando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: juniorfrn2013@gmail.com.

revoluções internas, ou, claro, numa perspectiva cada vez mais interdisciplinar, na qual se integram estas revoluções numa construção de ideias e sentidos diversos e maleáveis, que tendem a transitar das diversas ciências como das sociais para as naturais, do campo filosófico para o matemático, das aplicadas e mais duras para a religião, que é abstrata, do empírico à arte e assim por diante.

Estes estudos tentam dar significados, muitos deles novos, que abarquem a imensa multiplicidade de manifestações que afloram das interações sujeito-objeto, hoje em dia, do ponto de vista epistemológico tão justapostos que mal se percebe sua distinção ou, como alerta Baudrillard, “estamos hoje em um mundo aleatório, um mundo em que não há mais um sujeito e um objeto harmoniosamente separados no registro do saber” (2004, p. 47).

Se conceituar, em educação, é tarefa não muito fácil. O apoderamento de conceituações que partem de outras áreas do conhecimento sem a devida análise e reflexão pode subverter os sentidos, caminhando para direções que podem limitar a prática educativa. Analisar paradigmas socioculturais no âmbito crítico-reflexivo é fundamental nesta esperada leitura pós-moderna, almejando respostas às problemáticas que se apresentam às práticas na ambiência educativa — que partem de relações não estáveis entre os indivíduos, da própria vertente cultural e da crescente inserção das novas tecnologias nos diversos meios acadêmicos, sociais de modo geral, dentre outros.

Algo muito pertinente a se tratar aqui é o conceito de Rizoma — cunhado por Deleuze e Guattari na obra *Rhizome* (1976) e posteriormente relançado no livro *Mil Platôs* (1995). É interessante observar os conceitos, noções e as ilações dos autores acerca de eventos contemporâneos, dentre os quais está a educação — oportuna à esta pesquisa, já que é neste campo que se discorrerá a análise da formação do pensamento não linear

proposto pelos autores, no qual se abarquem as inúmeras possibilidades de conexões e interpretações sobre determinada reflexão, onde não se privilegie um dado conhecimento imposto por determinados grupos sociais.

A obra dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari está contida no grupo daquelas que fervilharam por fazerem parte de um momento de convulsão epistemológica, as revoluções comportamentais pós maio de 68 tentam nortear os fenômenos de seu tempo, produzindo conceitos que tentem responder às incertezas que emergem dos momentos de crise do pensamento, na qual as diversas culturas e seus indivíduos se questionam sobre certos costumes e valores — questionamentos estes que são constantes no espaço-tempo da história.

Não obstante, os pesquisadores aqui estudados tentam se enviesar fugindo das explicações sistemáticas já existentes, ou seja, preestabelecidas. Pode-se até dizer que Deleuze e Guattari contornam a influência da tradição filosófica, procurando suas outras referências na literatura, na linguística, nas sociolinguística, na biologia (vide o rizoma), na música, na abstração e outras áreas. Cunhando, assim, sua própria sistemática de pensamento que se enraíza por diversas áreas, sem se prender às barreiras estabelecidas por modelos anteriores de pensamentos.

Para se compreender melhor como os autores processam o pensamento, eles usam a imagem do rizoma, tornando compreensíveis as bases para que se torne entendível o que se pode chamar de “teoria da multiplicidade”. Isso leva, basicamente, à observância da incapacidade do modelo de pensamento focado na imagem da árvore (com um caule central do qual partem ramificações) de abarcar a realidade contemporânea, que é múltipla e mista, não binária e permeada por incertezas, questionamentos e rupturas. Tal modelo de pensamento, como enfatiza Barreto (2020), limita-se à busca pela

essência das coisas, isto é, pela resposta para uma única e definitiva pergunta: *o que é?*

Deleuze e Guattari, em contrapartida, apontam o pensamento na ideia de construção, afastando-se dos conceitos alusivos enquanto essências (o que é) e aproximando-se das circunstâncias que os envolvem e afloram para além do seu significado concreto. Nesse sentido, então o “o que é?” muda de vertente e desdobra em perguntas para as quais as respostas almejadas seriam: em quais casos? Onde e como? Quando? Como explicita Souza (2012, p. 245), “[...] era preciso sair do modelo arborescente, remissivo e essencial, para um modelo que proporcionasse uma representação mais próxima da superfície, do pensamento que se propaga em vastidão, para isso eles produziram o modelo rizoma”.

Para melhor inferir a conceitualização de rizoma, é fundamental relacionar seus princípios e bases fundamentais. Os dois primeiros (princípio da conexão) aludem à ideia de que, em um sistema rizomático, todos os pontos podem se conectar, sem uma referência hierárquica ou central. Tal característica deriva da noção de uma realidade complexa, que foge da singularidade (no seu mais fechado sentido: o que é?) em que “diferentes estatutos de estado de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14) existem em paridade, formando diversas conexões múltiplas. Assim sendo, nesta espécie de justaposição do pensamento não se pode pensar em uma coisa *ou* outra, mas uma coisa *e* outra.

O princípio terceiro traduz-se na *multiplicidade*. Tal base, diretamente relacionada aos anteriores, refere-se à exclusão do pensamento dicotômico, isto é, que se fecha em bifurcação, que determina a separação binária entre opostos como bem e mal, sujeito e objeto, homem e mulher, Deus e o Diabo e outros. Para os filósofos essa forma de compreender a vida não é e nunca foi capaz de explicá-la ou compilá-la com a mínima eficiência, uma vez que são várias as linhas que se cruzam, indo muito além de

sim e não, bom ou ruim e assim por diante (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 16).

Já o quarto princípio é o de ruptura assignificante, presente na teoria dos signos de Deleuze (2000), que remete à inviabilidade da quebra definitiva de um rizoma, já que o mesmo se expande para todos os lados. Esse sistema, como já elencado — marcado por conexões e multiplicidade —, compreende, aceita e abraça o diferente, havendo sempre espaço para rearranjos e reconexões, misturas. Assim, destaca-se a inexistência de uma perpetuidade, mas, ao contrário, há a devoção ao temporário. “O bom, o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 17), (BARRETO, CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020).

Em partida, Bachelard batiza de “Obstáculo epistemológico” todo o não questionado conhecimento, o progresso científico inerte ou que está constantemente resistindo aos novos pensares e modelos. O filósofo, através deste estudo, aponta de maneira veemente que certos preceitos e costumes científicos estagnaram e isso faz com que se crie impasses para o progresso do pensamento humano. Para Bachelard, no entanto, “o espírito científico é fruto de uma evolução: da tarefa primordial de tornar geométrica a representação até o ponto onde ocorre a abstração completa, uma vez que a geometrização primeira pode estar fundada no ingênuo realismo das propriedades espaciais” (LOPES, 20xx).

Contudo, este processo de abstração não ocorre de maneira linear. Se uma cultura, por exemplo, deseja ser científica, ela, então, deve começar por se expor a uma catarse afetiva e intelectual. A razão disso é que toda experiência que se apresenta já concreta e real, natural e imediata, isto é, sem a possibilidade ou abertura de maleabilidade, tem sempre o caráter de obstáculo — justamente por não se mostrar flexível.

Para sustentar tal afirmativa, Gaston Bachelard se envereda por duas teses. Na primeira, aponta a existência de forças psíquicas que agem no conhecimento científico. Contra essas forças, adverte que se faz necessário usar a psicanálise, ou seja, é preciso desnudar o espírito das formas imaginárias às quais se apegam e que o impelem a um falso rigor no campo científico. “É preciso que se passe da contemplação do mesmo à busca do outro e à dialetização da experiência” (1938, p. 20) e, ainda, que se encontre equilíbrio na própria base dos conhecimentos empíricos e científicos. Segundo Bachelard, a psicanálise deve fazer o sábio confessar seus motivos inconfessáveis (1937, 90-91).

A segunda tese de Bachelard é a de que não se obtém conhecimento senão na forma de resposta a uma pergunta outrora formulada sob a forma de um problema relativo a um saber — preestabelecido — flexível ou não. A capacidade de destacar, realçar pontos e fazer questionamentos ao que faz obstáculo ao progresso do pensamento crítico é o que permite que o saber científico seja reconstruído a cada momento, sendo provado de outras maneiras ou contraditos, abandonando velhas formas de pensar.

As demonstrações epistemológicas devem ser sempre desenvolvidas no âmbito dos problemas particulares, isto é, na seara da descoberta e da problematização do que faz impasse à evolução de um determinado saber, seja ele científico ou empírico, sem preocupação com a ordem historiográfica em que esses problemas ocorrem. Trata-se de realçar o que se coloca como obstáculo e não a cronologia.

A ideia de “obstáculo epistemológico” deve ser analisada no desenvolvimento histórico do pensamento crítico-científico. Contudo, o epistemólogo não deve se ater sobre todos os documentos que um historiador, por exemplo, é capaz de reunir. Minuciosa, a sua seleção é restrita e muito precisa. Deve confrontar os fatos reunidos como se fossem ideias que se

inserir numa cadeia de pensamentos. Portanto, nunca as tomar isoladamente, como se fossem partes de conjuntos distintos.

Detectar a má interpretação de certa corrente de pensamento, ou entendimento crítico — em muitos casos acrítico — de um fato num determinado período é já aferir o que ali se apresentou como obstáculo, como contra-pensamento àquele sistema. Para Bachelard todo conceito tido como científico se agarra a um anticonceito<sup>3</sup> (1938, p. 89). Ao capturar e analisar os conceitos científicos em sínteses, estabelecendo, a respeito de cada noção, uma escala de significados, o epistemólogo indica como um conceito advém de outro.

No âmbito da Crítica Cultural, o rizoma é grande fundamentador do pensamento crítico; isto porque permite que o pesquisador saia da linearidade e se espalhe por todos os cantos possíveis. Figurando o processo de construção do conhecimento e da crítica numa perspectiva plural e poli, este viés é essencial para a desconstrução de linhas obsoletas do pensamento analítico e derrubada de obstáculos epistemológicos. Na seção seguinte será discorrido o pré-projeto do autor deste ensaio no âmbito da Crítica Cultural.

## **GÊNERO, SOCIEDADE E PODER: UM ESTUDO SOBRE AS PROTAGONISTAS DE A STREETCAR NAMED DESIRE (1947), GONE WITH THE WIND (1936) E A ROSE FOR EMILY (1930)**

A pesquisa bibliográfica a ser desenvolvida no mestrado em Crítica Cultural, num período de dois anos, se propõe a analisar os dramas e conflitos das personagens Blanche DuBois, de *A Streetcar Named Desire* (Um bonde chamado desejo), de Tennessee Williams (1947), Scarlett O'Hara, de *Gone With the Wind* (E o vento levou), por Margaret Mitchell (1936) e Emily

---

<sup>3</sup> Termo cunhado pelo próprio pesquisador.

Grierson, heroína de *A Rose for Emily* (Uma rosa para Emily) assinado por William Faulkner (1930). Tendo como ponto de partida os estudos de Eagleton (1985) sobre a ascensão do inglês — o que engloba o exame do romance do século XVIII e seu caráter socioeducativo, confluindo para o status da mulher na sociedade — esta análise tentará versar acerca do caráter alienante e potencialmente dominador do idealismo formativo-social da literatura, sendo ele introduzido por uma certa classe dominante. Para tanto, é pertinente analisar nos documentos de estudo mencionados o contexto sócio-histórico das personagens, a ambientação e a construção narrativa destas mulheres. Em *Streetcar*, é pertinente observar as nuances da protagonista e sua tentativa negacionista a respeito das mudanças sociais, que podem ser confrontados com elementos do romantismo e do realismo, levando-a ao colapso mental. Em *Gone With the Wind*, O'Hara é narrada inserida em uma sociedade aristocrata “que o vento levou” (MITCHELL, 1936). Por fim, a Emily de Faulkner e o enredo do conto serão considerados para o estudo destes confrontos sociais e moralmente ambivalentes presentes em todas as obras mencionadas.

As contribuições teóricas de Watt (1957, 2010), Eagleton (idem), Holditch (1993) e Friedman (2002) amparam o estudo. A partir dos conflitos e das experiências narradas nas tramas, as ações dramáticas das personagens se tornam, por vezes, paradoxais e incertas se tornando um tropo recorrente deste tipo de literatura; assim, esta análise não tenciona esgotar o tema investigado, mas contribuir para reflexões e vieses para outras questões pertinentes. Vale salientar que durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, observar-se-á e será ressaltada a importância crítica e cultural da mesma, uma vez que se está em evidência, a todo o tempo, o estudo do status da mulher na sociedade e na literatura, sendo esta classe por vezes subalternizada socialmente.

Uma das condições para se enfrentar e desmontar os mecanismos de controle disseminados pelos sistemas de dominação é a crítica e a fuga da linearidade do pensamento. Ele deve deixar de ser singular para se tornar plural, rizomático; sendo possível, assim, a análise de diversos vieses (MOREIRA, 2010). Toda a derrubada destes obstáculos epistemológicos demanda tempo, ensaios e tentativas, conforme inferem Deleuze e Guattari em seus estudos sobre o rizoma contidos em *Mil Platôs* (1995).

Ao analisar os documentos (obras) mencionados se pretende examinar como a conjunção dos elementos formais da narrativa (unicidade e imprecisão no ponto de vista) e temáticos (status da mulher na sociedade) se unem em retalhos para formar a imagem daquilo que seria a mimetização social deste grupo em específico. Claro, se está falando de mulheres pertencentes à nobreza, mas é importante lembrar que a domesticação das mesmas começou por esta classe (VASCONCELOS, 2002).

É importante salientar que em todas as três obras, a narrativa ocorre em terceira pessoa, retirando a possibilidade sequer de se narrarem, as protagonistas. Assim, em possíveis leituras interpretativas, será observado o ponto de vista do narrador, que pode ser nitidamente masculino ou, como em *A rose for Emily*, impreciso por ser em primeira pessoa do plural. O objetivo geral, então, se configura, mais uma vez, na análise da função social educativa do romance concretizado através da domesticação da mulher. Inferindo sobre a linearidade do pensamento, Souza:

O pensamento de Deleuze e Guattari coloca em cheque todo o pensamento ocidental ao propor uma filosofia produtora e não somente reflexiva e interpretativa. A filosofia se ocuparia em produzir e criar conceitos, o que transforma sua tarefa, seu papel. A filosofia abandonaria os universais e se tornaria imanente, se relacionando com a permanência do ser no mundo. Grosso modo, podemos definir o conceito clássico de conceito como a representação da essência das coisas, esta representação está

num plano de subtração da diversidade de doxas, referindo as características intrínsecas do objeto, que não pode ser alterada pela mudança de ponto de vista, procura-se a sua substância, é desta maneira que podemos chamar os conceitos de universais. Porém para Deleuze e Guattari, o conceito passaria a responder a circunstâncias e esta é a grande mudança imposta pelo seu pensamento (SOUZA, 2012, p. 26).

Tomando como base o pensamento deleuze-guattariano, pode-se perceber a importância da não linearidade crítica para que revisões em certos status impostos pela sociedade sejam quebrados. Obstáculos e paradigmas precisam ser derrubados através da crítica e contracorrente. As incertezas epistemológicas tão presentes hoje no pensamento contemporâneo se debruçam nos processos educacionais tão imediatamente, que parece não haver mais uma proposta ou uma resposta permanente para o ato educativo, exceto a própria incerteza, que por sua vez tende a parar de refletir o pensamento colonial e elitista que emergia como único norte possível para a construção de um ser pensante e de pensamento impassível de mudanças.

Em modelos epistemológicos há claramente no pós-estruturalismo uma descrença ou descrédito em relação à suposta capacidade da pesquisa científica de ir ao encontro da verdade enquanto uma representação fiel da realidade, isso talvez, por todo o arcabouço existente que segue este modelo. Em meio à multiplicidade rizomática de ideias que marca esse movimento teórico, há um viés que refuta a imposição de verdades absolutas e determinantes do que é real, admitindo-se o enraizamento de verdades não absolutas permeadas por fragmentações e diferenças, da qual comungam diversos pensadores modernos. É basilar esclarecer que essa postura nada tem que ver com o relativismo extremo, crítica usualmente dirigida aos autores do movimento em geral. “Tal crítica recai sobre o entendimento de que, ao refutar as grandes narrativas, se estaria, por outro lado, afirmando que nada é verdadeiro ou real” (BARRETO, 2020, p. 7).

Para a escrita da dissertação como produto do mestrado em Crítica Cultural, os preceitos de pesquisa do Professor Dr. Fábio Akcelrud Durão contidos em sua extraordinária obra intitulada “Metodologia de pesquisa em literatura” (2020) serão utilizados. As partes concernentes à leitura na universidade, que, segundo ele, tende a ser acrítica e pouco trabalhada, o desenvolvimento da tese, a escrita em si e, principalmente, as considerações críticas da leitura irão amparar esta parte específica do estudo.

Em seu seminário sobre metodologia da pesquisa em literatura, ocorrido no ambiente virtual da Universidade do Estado da Bahia do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, em treze de agosto de dois mil e vinte, Durão postula que a relação entre literatura e pesquisa tende a ser conflituosa em quase todos os estudos. Se por um lado é essa última que torna factível a inserção dos estudos literários na universidade, por outro, quando transformada em uma prática dominante, a pesquisa tende a deformar tanto obras quanto leitores, fazendo que, em possíveis leituras interpretativas este último tome como verdade o ponto de vista do narrador ou até mesmo se aproprie da literatura como instrumento de salvação.

Corroborando com os textos do ensaio, — de Deleuze e Guattari e Bachelard —, Durão defende que toda escrita deve ser criticada e os costumes desfeitos, de modo que assim como intentam os estudos deleuze-guattarianos, se possa chegar em pensamentos plurais e rizomáticos em todas as direções, fugindo do voyeurismo e da inércia, colocando, assim, em prática as teorias e métodos críticos que tendem a desdobrar a linearidade do pensamento singular.

Como objetivos específicos, pretende-se, com o estudo das personagens de *A streetcar named desire* (1947), *Gone with the wind* (1936) e *A rose for emily* (1930): elencar as características do tempo da diegese em que estavam inseridas, analisar criticamente

a sua condição sócio-patriarcal, a ambientação, os desejos secretos das mesmas e, por fim, a alienação e suas tentativas (fracassadas ou não) de fugir deste modelo imposto.

Para a construção do referencial teórico, Eagleton com seus estudos sobre a ascensão do inglês, no qual trata sobre os primórdios da institucionalização da disciplina nas universidades e como o caráter educativo do romance definiu o novo modelo comportamental feminino, será utilizado. Não só ele, mas também Vasconcelos (2002) com suas “Dez lições sobre o romance inglês do século XIX” ampliará o arcabouço acerca dos estudos sociais daquele período, versando especificamente sobre o status da mulher na sociedade inglesa. Outros autores como Gualda (2007) aparecerão. Esta se debruça sobre os estudos das narrativas nitidamente masculinas que caracterizam ao seu bel prazer as personagens, ditando o seu modelo de moral e as condenando quando o subvertem.

O caráter didático e propagandístico do romance dos séculos XVIII e XIX é a chave para tais mimetizações da mulher. Neste sentido, Richardson (1689-1761) estabelece um modelo do feminino a ser seguido na ficção romântica; qualquer personagem feminina que se atrevesse a sair dos moldes pautados na moral do século XVIII não poderia ser vista com bons olhos — e isto se reflete na sociedade consumidora dos romances; mulheres burguesas e parte das mulheres pobres (WATT, 2010, p. 45). Vasconcelos (2002) assinala:

Viajantes consideravam [...] a sociedade inglesa do final do século anterior pouco refinada, descreviam Londres como uma cidade onde os homens se entregavam aos vícios e demonstravam um comportamento grosseiro e brutal e se espantavam com a reclusão e o abandono em que viviam as mulheres inglesas, cujas qualidades e possibilidades eram aniquiladas por suas condições de existência e pela vontade dos homens. A organização da vida social dividia os sexos, obrigava as mulheres a uma situação de dependência, as privava de educação e as condenava à

indiferença masculina e a um cotidiano aborrecido e vazio (VASCONCELOS, 2002, p. 104).

No conjunto, a configuração familiar do século XVIII ainda reproduzia o modelo patriarcal, em que o masculino amparava as estruturas sociais e atribui às mulheres construções e papéis específicos. As obras de Defoe (1660-1731) e Richardson, *Robinson Crusó* (1719) e *Pamela* (1740), respectivamente, sugerem exatamente isso. Watt (2010), em seus estudos acerca do romance inglês, reflete sobre os autores sobreditos inferindo que “Eles próprios adotam uma posição tradicional com relação à autoridade do pai e à importância vital do grupo familiar como entidade moral e religiosa” (WATT, 2010, p. 151). É importante notar que muito embora Defoe e Richardson comecem a apresentar em suas obras personagens que queriam reafirmar seu *status* de liberdade, tal afirmação era muito difícil para suas heroínas. Isto porque a posição legal das mulheres na sociedade do século XVIII era nitidamente regida pelos costumes androcentristas do direito romano.

Os romances, capazes de enlaçar e talvez até corromper a tão versada “moral feminina”, ao mesmo tempo em que significavam um mecanismo didático, poderiam por à prova a castidade das suas leitoras. Isto porque, autoras como Jane Austen (1775-1817) e Gaskell (1810-1865) criticam as muito tradicionais negociações de casamento, empregando recursos estilísticos indiretos como a ironia e o sarcasmo (SANTOS, 2009). As críticas aos costumes sociais conditas nos romances dessas escritoras inglesas evidenciavam e atacavam a imposição da sociedade sobre a mulher dos séculos XVIII e XIX na tentativa de condicioná-las e confina-las à “carreira” matrimonial.

É importante salientar que não se intenta, com a pesquisa, esgotar, como dito, os debates sobre o assunto, mas expor os mecanismos que ditaram e ditam, por vezes, o modelo comportamental e social das mulheres, a fim de que se possa

criticar estes modelos e encontrar e analisar novas formas de trazê-las à tona, sem persuadi-las a agirem em acordo com as forças opressoras dos mecanismos estatais (MOREIRA, 2010).

As letras enquanto ciências (MOREIRA, 2011) reafirmam o que Eagleton (1985) aborda em seus estudos sobre a institucionalização do inglês. Eagleton assinala que Matthew Arnold usa a literatura para helenizar e cultivar a classe média. A aristocracia assume seu papel formativo da classe média (um papel pedagógico) oferecendo a essa classe seu melhor espólio (a cultura) (EAGLETON, 2006, p. 36); Sobre Matthew e seu projeto de educação da classe operária: não há nele nenhuma pretensão de que a educação da classe operária deva ser realizada principalmente em benefício dela mesma. Logo, PENSAR cultura nunca foi uma opção. Por isso se faz necessário o estudo das letras — para se entender os mecanismos de controle e lutar contra eles.

A literatura habituará as massas ao pensamento e sentimento pluralistas, persuadindo-as a reconhecer que há outros pontos de vista além do seu — ou seja, *o dos seus senhores*. Transmitiria a elas a riqueza moral da civilização burguesa, a reverência pelas realizações da classe média e, como a leitura da obra literária é uma atividade essencialmente solitária, contemplativa, sufocaria nelas qualquer tendência subversiva de ação política coletiva.

Em seu livro “As folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo”, de 2002, Moreira infere que “As letras e a literatura têm a ver com o que é do povo” (p. 19). Desta forma, por que se estudar esta temática? Porque o mundo ainda padece no patriarcado e nas mãos de instâncias corruptas e opressoras, podendo ele ser resistido ainda por pesquisadores que tenham consciência do seu valor crítico.

Ainda citando Moreira (2002), combater o parasitismo é tarefa árdua, mas necessária para que se possa se libertar das

amarras sociais que, neste século, oprimem mulheres, gays, pobres, pretos e outras minorias. Organizadas, estas minorias se unem para lutar contra as ortodoxias que lhes oprimem (GUATTARI, 1975).

## **CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS**

Falar sobre crítica é sempre complicado. Mexe-se com costumes arraigados que tendem a oprimir pessoas dos mais variados grupos sociais — normalmente todos eles subalternizados. A observância do rizoma permite que o pesquisador entenda como expandir seu pensamento crítico e empodere a sua pesquisa, espalhando-a para muitas partes, retirando a venda dos olhos de quem os lê. Transpor os obstáculos epistemológicos também.

Analisar a construção da literatura (campo de pesquisa aqui visto) é fundamental para que, dentro das letras, possa-se romper e criar mecanismos precisos e preciosos para lutar contra as instâncias opressoras do estado. O status da mulher, por exemplo, revela que os ditos como mais frágeis e delicados (o que inclui os homossexuais efeminados, por exemplo), estão sempre na mira dos que tentam controlar as massas.

Se organizar para combater à base da ciência é fundamental. Distribuir educação e universalizar o acesso a ela é um passo fundamental para estas classes. Tá aí: expandir e universalizar é uma boa premissa para o rizoma deleuze-guattariano. Estar e ocupar todos os espaços enfraquece mecanismos já obsoletos que ainda insistem em se fazer presentes. Resistir e lutar através do conhecimento é a principal arma nesta luta desarmada dos subalternos.

## **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston (1928). *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, 316 p.

- BACHELARD, Gaston. (1934). *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, 152 p.
- BACHELARD, Gaston (1938). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003, 316 p.
- BACHELARD, Gaston (1940). *A filosofia do não-filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Ed. Presença, 1987, 140 p.
- BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. *O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais*. CADERNOS EBAPE.BR, Rio de Janeiro, ano 2020, v. 18, n. 1, p. 47-60, 1 mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v18n1/1679-3951-cebape-18-01-47.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- CHIA, R. *A Rhizomic Model of Organizational Change and Transformation: Perspective from a Metaphysics of Change*. British Journal of Management, v. 10, n. 3, p. 209-27, 1999. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. *Metodologia De Pesquisa Em Literatura*. 1. ed. rev. São Paulo: Parábola, 2020. 128 p. v. 1. ISBN 978-8579341786.
- EAGLETON, Terry. *The rape of Clarissa: Writing, Sexuality and Class Struggle in Samuel Richardson*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010, 120 p.
- EAGLETON, Terry. The rise of english. In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 88p.
- FAULKNER, William. *A rose for Emily*. Nova York: Penguin, 2000.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.
- GUALDA, L. C. Representações do Feminino em Dom Casmurro e The Turn of the Screw. *Dissertação de Mestrado*. Assis: Unesp, 2007.
- GUALDA, Linda Catarina. *Literatura e cinema: representações do feminino em Washington Square, Daisy Miller e The Europeans* / Linda Catarina Gualda. Assis, 2011.
- HOLDITCH, P. C. (1993). *Confronting Tennessee Williams's A streetcar named Desire: Essays in critical pluralism*. Greenwood Press
- LOPES, Rosa Guedes. *A noção de obstáculo epistemológico*. Isepol, [S. l.], p. 1-11, 3 nov. 2020. Disponível em: <http://www.isepol.com/pdf/A%20NO%C3%87%C3%83O%20DE%20OBT%20C3%81CULO%20EPISTEMOL%20C3%93GICO.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

- MITCHELL, Margaret. *Gone With the wind*. Nova York: Penguin, 2006.
- SANTOS, Osmar. *As folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. 1. ed. rev. Salvador: UNEB, 2020. 192 p. v. 1. ISBN 858724315.
- SANTOS, Osmar. Letras enquanto ciência e ação direta. In: MOREIRA, Osmar. *Letras enquanto ciência e ação direta*. UESC, 2011. word.
- SANTOS, O.M. *A luta desarmada dos subalternos* [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, 185 p. ISBN 978-85-423-0290-5. Available from: doi: 10.7476/9788542302905.
- SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE*, São Paulo, ano 2012, p. 234-259, 8 maio 2012.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002. 165 p.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WILLIAMS, Tennessee. *A streetcar named Desire*. Nova York: New Directions, 2004.